

# Ocupar e desconstruir — a derrubada simbólica de estátuas colonizadoras através da série Devolta, de Diambe da Silva\*

Julia Baker\*\*

## [RESUMO]

O presente artigo busca articular o movimento de derrubada de estátuas, símbolos da colonização e escravidão, com a performance coreográfica da artista Diambe da Silva na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2019 e 2020. Primeiro é contextualizado o papel social e simbólico das estátuas no espaço público, e como a arte é vetor de mudança através de uma breve revisão bibliográfica de artigos e textos, que colocam em evidência a problemática de estátuas de personalidades controversas que ainda são preservadas e mantidas em espaços públicos e como o poder público e os cidadãos vem lidando com essa questão nos últimos anos. Depois, a obra de Diambe é analisada, a partir da escolha das estátuas e sua localização no Rio de Janeiro. O artigo selecionou três coreografias da série *Devolta* que ocorreram nas estátuas das figuras históricas de Dom Pedro I, Dom João VI e Princesa Isabel, personalidades recorrentes nas narrativas da história colonial brasileira e que exerceram papéis centrais e controversos quando revisitamos a narrativa construída de um país que, de colônia, se tornou império para, por fim, ser reconhecido como república. Através das coreografias, um novo sentido simbólico é dado às estátuas, localizadas em espaços de destaque da cidade, conhecidas áreas nobres, o bairro de Copacabana e o centro comercial da cidade, sendo o último espaço de moradia da monarquia portuguesa no Brasil. Relacionando os conceitos de coreopolícia e coreopolítica de Andre Lepecki com a obra de Diambe em conjunto com pensamentos de Achille Mbembe sobre o destino das estátuas representantes de um passado opressor colonial, o artigo faz uma leitura crítica do lugar das estátuas na atualidade a partir da obra da artista.

**Palavras-chave:** decolonial, coreopolítica, monumentos, derrubada, artes do corpo.

doi 10.11144/javeriana.mavae17-1.odds

Fecha de recepción: 1 de julio de 2021

Fecha de aceptación: 6 de septiembre de 2021

Disponible en línea: 1 de enero de 2022

- \* Artigo de pesquisa.
- \*\* Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil (PUC/RJ) e é mestre em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV/RJ. Atualmente cursa o doutorado em Artes da Cena no Instituto de Artes da UNICAMP.  
ORCID: 000-0002-2223-1163  
Correio eletrônico: juliabvp@gmail.com



## CÓMO CITAR:

Baker, Julia. 2022. "Ocupar e desconstruir — a derrubada simbólica de estátuas colonizadoras através da série Devolta de Diambe da Silva". *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas* 17 (1): 58-73. <https://doi.org/10.11144/javeriana.mavae17-1.caap>























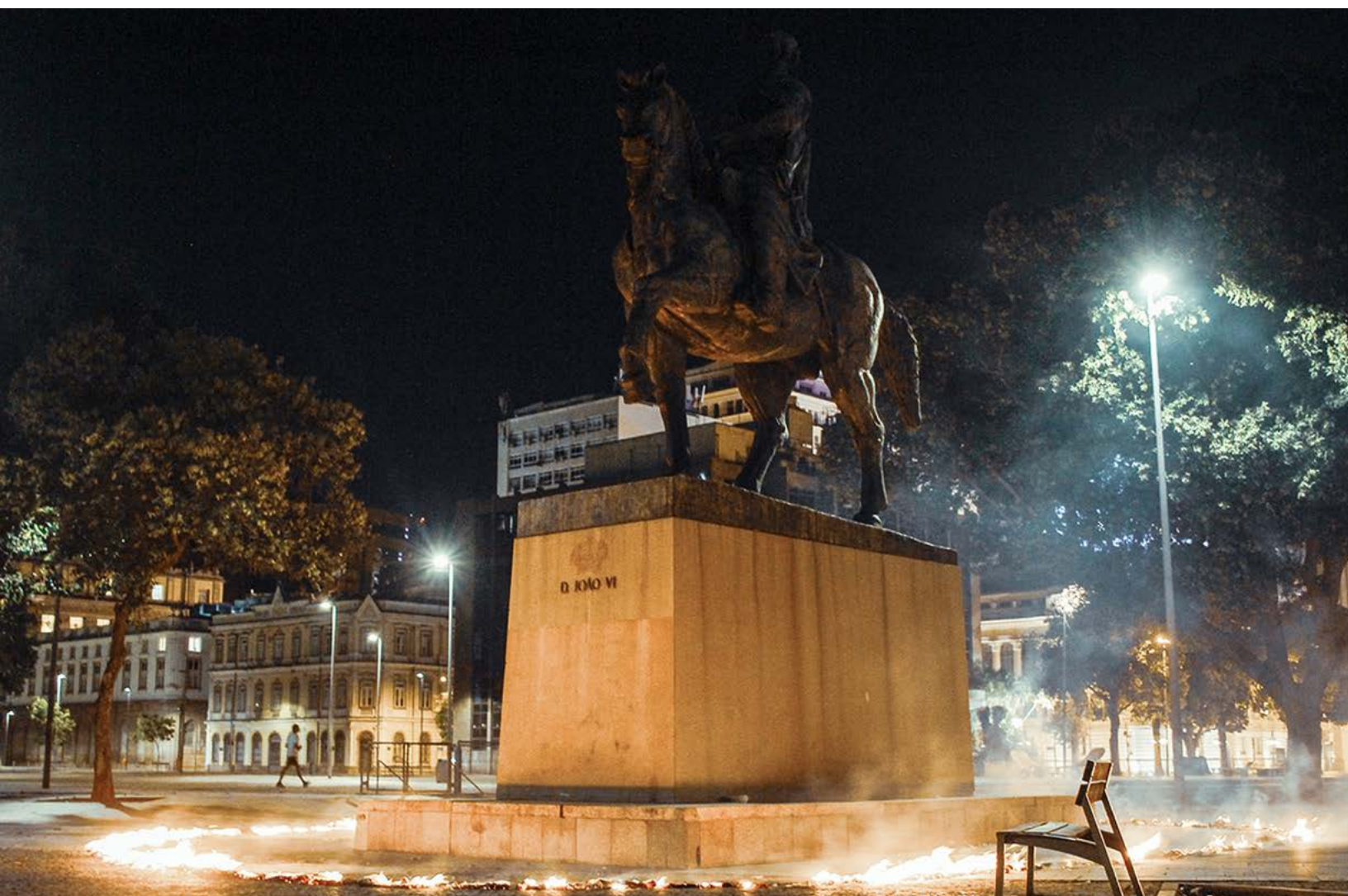
## Devolta – estátua Dom João VI

Em fevereiro de 2021, o monumento alvo foi uma estátua, também símbolo do império, a imagem feita em bronze de Dom João VI, monarca português que trouxe a corte para o Brasil em 1808 e, com a chegada, reproduziu relações de superioridade dos colonizadores mediante os brasileiros nativos. Fugindo de uma Europa conturbada, D. João VI chegou no Brasil colônia com o desejo de reproduzir a lógica da corte portuguesa. Ao encontrar um país com fartura de bens, seguiu explorando as terras diretamente na capital, o Rio de Janeiro. Acreditava trazer a civilização e, assim, fundou escolas de artes e de ciências, convidou pintores, arquitetos, botânicos e outros investigadores para retratar o país que conhecia, sua fauna e flora e para estruturar prédios, ruas e avenidas aos moldes europeus. Quando voltou para Portugal, deixou seu filho, D. Pedro I, no comando e juntos arquitetaram a transformação da colônia em império para assim continuar a dependência e exploração das terras sul-americanas.

Sua estátua foi um presente de Portugal, para celebrar o IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, em 1965. Assim como a estátua de seu filho, D. João está montado em um cavalo e segura, em sua mão direita, um globo terrestre, símbolo de dominância e poder. Localizada na Praça XV de Novembro, seu espaço foi selecionado por ter sido o local de chegada da corte em 1808 e onde está localizado o Paço Imperial, morada de D. João e sua família. O nome da praça marca a data da Proclamação da República, em 1889. É um espaço repleto de memórias da construção da nação brasileira.

Figura 4. Fotografia da série Devolta, Dom João VI

Fonte: Jessica Senra. Acervo da artista Diambe da Silva.



Diambe utiliza uma túnica branca e, embaixo, uma regata com a mesma frase da ação anterior: “não serei bixa presa por causa de arte”, para sua coreografia. O cenário da praça é vazio, é um espaço de circulação apenas diurna, pois o centro da cidade não é espaço de moradia e sim do trabalho. Os poucos que ficam na praça no período da noite são moradores de rua, seguranças e, por vezes, a polícia. A ação foi registrada no formato de fotos e vídeos, como a imagem a seguir exemplifica (Imagem 4).

## Devolta — estátua da Princesa Isabel

A terceira coreografia foi em Copacabana, bairro residencial localizado em área nobre da cidade. Em um ponto de frente para a praia, entre dois sinais de trânsito, está a estátua da Princesa Isabel, creditada como a principal responsável pela abolição da escravatura no Brasil, em 1888, ao assinar a Lei Áurea. A estátua representa este momento em sua vida, pois carrega, em uma de suas mãos, uma pena, como se acabasse de assinar a lei. A estátua é recente, de 2003, e está situada em uma avenida com nome homônimo. Sua instalação foi uma solicitação à prefeitura do Rio de Janeiro pelo grupo de Mulheres Empresárias, representado por Marilda de Sá. Possui 2,5 metros e é de bronze.

Figura 5. Fotografia da série Devolta, Princesa Isabel

Fonte: Bleia Campos. Acervo da artista Diambe da Silva.





O exato local onde a estátua está instalada não tem muita circulação de pessoas, mas, como fica de frente para a praia, na proximidade de hotéis, há um ativo policiamento na região. Na ocasião desta coreografia, Diambe e suas companheiras de ação foram abordadas pela polícia e presas. As imagens foram registradas por uma pessoa não envolvida na ação e, depois, vieram a integrar o vídeo com registros da coreografia (Figura 5).

A ação da polícia foi quase imediata; assim que as chamadas em volta da estátua aparecem, a viatura da polícia chega. O vídeo mostra, ao longe, a conversa de Diambe com os policiais; ela parece mostrar papéis com a lei do artista de rua, mas, mesmo assim, ela e suas companheiras terminam algemadas no vídeo. Mesmo com a interferência policial, a coreografia foi realizada em todas suas etapas. Lepecki atribui um papel à polícia em suas ações cotidianas e de repressão, ao parar corpos e direcionar seus trânsitos pela cidade, os representantes da força, criam movimentações possíveis, uma coreografia direcionada por impossibilidades de livre uso da cidade. A coreopolícia (Lepecki 2011) executada nesta edição da série *Devolta*, revela como alguns espaços da cidade possuem maior vigilância que outros. Na derrubada do pensamento colonial, aqui representado como marca monumental em bronze de três personalidades na história escolhida como a brasileira, barreiras de dominação se apresentam. Quando a força policial prende corpos por realizarem uma ação artística reflexiva, amparada pela lei, vemos que a hegemonia e desejo de manter uma ordem se vale de outras desculpas para retirar os proponentes da ação do espaço.

Assim, a rua é para todos? O bronze não derrete, não é derrubado fisicamente. Mas, mesmo quando ações simbólicas de queima de poderes imperiais são postas em prática, o receio da ocupação das minorias se torna visível. Em Copacabana vemos o resultado de tal ação.

## Considerações finais

Dom Pedro I, Dom João VI e Princesa Isabel, três símbolos de um Brasil colônia transformado em império para garantir o poder das elites, são apresentados nas narrativas dos livros de história como personalidades que ajudaram a instalar a democracia no país, porém é preciso revisitar tais personagens e suas ações que não eram feitas sem que muitos fossem oprimidos e como manobra para garantir que revoltas não insurgissem junto com a população brasileira pertencente às classes menos privilegiadas e os sujeitos que eram escravizados. As três estátuas, produzidas em séculos e momentos históricos distintos, podem representar fatos singulares, mas são lidas na mesma chave de submissão e colonização. Diambe é uma artista que questiona o colonial; em outro trecho de sua biografia se coloca como artista anti-colonial e, assim, questiona o que essas estátuas ainda representam em um país que carrega marcas coloniais constantes. Os nomes de ruas, os espaços públicos escolhidos, todos representam uma ideia de Brasil abundante e justo, algo comprovadamente fictício. Os homens em seus cavalos, simbolizando poder e dominância perante as riquezas e povos originários, a mulher sendo a sola responsável pelo fim da escravidão. São essas as únicas narrativas dos fatos passados? Recontar a história não é apagá-la, é tornar visível outras narrativas, a narrativa dos oprimidos, dos que tiveram suas vozes apagadas dos escritos oficiais. Ao colocar fogo nas estátuas, Diambe ilumina novas possibilidades de narrativa, evidencia o espaço, o corpo desenhado naquele bronze e questiona a narrativa inventada por aqueles monumentos.

Não é necessário a derrubada física, mas a queima acaba por representar a extinção de um fato único derruba a ideia de uma única verdade, uma única narração. Ao colocar seu corpo e o de suas companheiras em evidência junto com marcos coloniais, Diambe discorre também das hierarquias dos corpos nas ruas, quem pode ou não estar naquele espaço público e qual ação é possível ou não.

A relação de imponência é alterada, as chamas tomam para si a força e poder simbolizados nas estátuas, despindo os símbolos da ideia de permanência e imutabilidade que nos transmitem. .

“Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador”, diz um provérbio africano. A movimentação, nos últimos anos, pela derrubada de estátuas e monumentos que retratam apenas um lado da história, o da hegemonia colonial, revela o desejo por novos símbolos de uma realidade escondida. A necessidade de colocar à luz as feridas e não verdades de narrativas com heróis forjados permitiu que o espaço público fosse ressignificado pelos atos anticolonialistas. Porém a derrubada não se faz apenas no âmbito físico; é necessário derrubar as ideias propagadas e representadas pelos sujeitos representados nas praças e espaços públicos. Identificar as histórias apagadas e reconstruir narrativas é uma necessidade para que não fiquemos à mercê apenas dos contos dos caçadores.

Dentro do campo das artes, a crítica da narrativa colonial se faz cada vez mais visível. A presença de artistas decoloniais que buscam temas caros às suas identidades permite que trabalhos com novas perspectivas sobre gênero, raça, sexualidade e narrativas se apresentem. Diambe faz parte destes artistas que carregam sua identidade e sua voz e as colocam em sua poética artística. Uma artista bixa, que vive e faz arte suburbana e vê seu corpo ameaçado pela sua simples existência, carrega as marcas das políticas de eliminação implantadas tantas vezes em nossa sociedade.

A artista escolhe ações na cidade do Rio de Janeiro que colocam em evidência os traços que a cidade carrega de espaço colônia. Não apenas evidencia as estátuas e a personificação do que são, mas também ilumina com questionamento os espaços e as ruas em que estão instaladas. Espaços que recontam uma história brasileira forjada para os livros de histórias, com heróis portugueses, onde indígenas e afrodescendentes não tem espaço, não aparecem nobremente fundidos no bronze. Enquanto as chamas sobem, Diambe não propõe um apagamento de uma narrativa criada e sim que repensemos e revelemos as demais histórias do período.

Mesmo que a derrubada não seja física, Diambe promove, com suas coreografias, derrubadas ideológicas. Faz uma dança em que saem das labaredas possibilidades de novas histórias, de novas memórias e a necessidade de revermos as figuras públicas que rodeiam a cidade.

Assim, as estátuas são derrubadas, são destituídas de sua solenidade, de seu poder de dominância. O questionamento do porquê de sua existência se evidencia.

Retirá-las não é o que Diambe propõe e sim ressignificá-las e evidenciar, cada vez mais, as disputas anticoloniais diárias de corpos não normatizados. A ação da artista derruba e transforma, não apenas os monumentos, mas a relação das pessoas com as ruas e com os símbolos coloniais. As transformações podem ser graduais, mas quando a artista se dispõe a colocar seu corpo em perigo, no espaço da rua, para abater símbolos perpetuados, vemos que coreografias transformam, mudam realidades impostas.

## [NOTAS]

1. Termo usado negativamente para denominar um sujeito homosexual. Atualmente tem sido retomado como termo de empoderamento.

## [REFERÊNCIAS]

- Bauer, Caroline Silveira. 2019. "Escravidão e memória: as transformações recentes no espaço público espanhol." *Café História*. <https://www.cafehistoria.com.br/antonio-lopez-memoria-do-colonialismo/>.
- BBC News. Junho 16, 2020. "George Floyd protests: Man shot in clash over Albuquerque statue." BBC News. <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53060704>.
- Benjamin, Walter. 1994. *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Câmara Municipal do Rio de Janeiro. s. d. "Legislação - Lei Ordinária: Lei nº 5429/2012." <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/67120c4c1ae54a6603257a14006d2b1d?OpenDocument>.
- Corrêa, Roberto L. 2005. "Monumentos, Políticas e Espaço." *Scripta Nova - Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales* IX (183). <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/894>.
- Diambe da Silva. s.d. "Diambe da Silva." <http://cargocollective.com/diambe/Devolta-2020>.
- Imersões Digitais. s.d. "Imersões digitais." [www.imersoesdigitais.com](http://www.imersoesdigitais.com).
- Inventário dos Monumentos RJ. 2015. "Inventário dos Monumentos RJ." <http://www.inventariosmonumentosrj.com.br/>.
- Izecksohn, Vitor. 2017. "Os monumentos confederados nos Estados Unidos: memória e política." *Café História*. <https://www.cafehistoria.com.br/monumentos-confederados/>.
- Knauss, Paulo. 2010. "A festa da imagem: a afirmação da escultura pública no Brasil do século XIX." <http://www.dezenovevinte.net/obras/pknauss.htm>.
- Lepecki, André. 2011. "Coreo-política e coreo-policia". *Ilha - Revista de Antropologia* 13 (1,2). <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41/23932>.
- Mbembe, Achille. 2020. "O que fazer com as estátuas e os monumentos coloniais?" *Revista Rosa*, 2 (2). <https://revistarosa.com/2/o-que-fazer-com-as-estatuas-e-os-monumentos-coloniais>.
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Fevereiro 18, 2015. "Monumentos do Rio de Janeiro rememoram a história da cidade." <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5206637>.